

DOCÊNCIA: POSSIBILIDADE DE UMA ESTÉTICA POR VIR

**MARIA THERESA LOURENÇO MACHADO DOS SANTOS¹; RÓGER ALBERNAZ
DE ARAUJO²; RÓGER ALBERNAZ DE ARAUJO³**

¹Instituto Federal sul-rio-grandense 1- tytta1985@hotmail.com 1

Instituto Federal sul-rio-grandense 2 – roger.albernaz@gmail.com 2

³Instituto Federal Sul-rio-grandense – roger.albernaz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita versa acerca do desejo de movimentar um pensamento docente. Pensamento e movimento e corpo e escrita; alguns intercessores convidados a dançar em um o “plano de imanência¹” que busca abrir no desejo uma brecha para criar, pensar, construir e considerar quem o professor pensa que “é”. Tentativa de desterritorializar² o caminho e apostar em processos outros para pensar a docência e a possibilidade de um não-caminho, a partir de uma escrita que produz seus contornos no/pelo acoplamento com pensamento de Gilles Deleuze e Félix Gattari. Posicionar a docência enquanto um processo que não fixa um caminho, mas cria e considera um não-caminho; esse, enquanto movimento de pensamento, enquanto um processo de tentativa de criação de um corpo, que pode, talvez, esboçar o que ainda não é, trazendo em potência aquilo que ainda pode vir a ser. Uma escrita pelo meio, que atravessa territórios e realiza cortes, na tentativa de provocar marcas no olhar deste que pensa estar incluso em um contexto meramente formativo; atitude que vai além, que provoca o corpo a usufruir de suas articulações e o dispõe a pensar o pensamento de seu próprio percurso.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elaboração deste corpo-escrita propõe-se de caráter bibliográfico, a partir da articulação, em uma primeira dimensão, das obras: “O Anti-Édipo” (2000), “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v.3” (2012), “Crítica e Clínica” (1997) e “Conversações” (2013), além de outras obras que produzem dimensões transversais. Deste modo, procura-se rabiscar algumas considerações acerca do processo docente, e as condições possíveis de produzir a estética de pensar o próprio pensamento; uma tentativa de puxar linhas e erguer planos outros; uma oportunidade de desenhar percursos pela conquista de um corpo-escrita que cria possibilidades para o pensamento funcionar de maneira diferente; um modo de fazer ficar de pé uma máquina³, que possa relacionar-se com aquilo que ainda não é potencializando uma estética do porvir.

¹Cf. Deleuze: “O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... [...] O pensamento reivindica “somente” o movimento que pode ser levado ao infinito”. (DELEUZE, 1992, p. 53)

² Cf. Deleuze: “A função de desterritorialização é o movimento pelo qual “se” abandona o território”. (DELEUZE, 1997, p. 224)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um corpo-escrita coloca-se no calcanhar daquele disposto a dançar, o acompanha em um salão minado, demarcado e delimitado por indicações, direções, coordenadas. O que esse corpo-escrita faz? Ele escreve, escreve no corpo do camelo cansado de percorrer o mesmo caminho, ver as mesmas paisagens, colocar-se sempre pronto a carregar os mesmos pensamentos, dentro de um cenário de repetições incansáveis; repetições que o tornam um grande ator que se coloca disposto a encenar o ato de meramente representar. Isso não é um processo; isso é uma imagem de pensamento pronta e acabada, dissimuladamente traduzida em simulacros quase perfeitos. Considerando-se uma disposição em potência, o corpo expurga seus órgãos e coloca-se disposto a considerar intensidades. Isso acontece na/pela tentativa de pensar o processo de tornar-se docente; isso pode ser a inscrição de um corpo-camelo que ainda não está definitivamente acabado, mas encontra-se em processo de composição; encontra-se na tentativa de movimentos pelos quais possa vir a bailar. Talvez, possa-se duvidar do que a docência é, ou pensa que é. Um pensamento que pensa com intercessores que incitam um olhar, que deseja produzir uma diferenciação no território que ocupa, e considera o processo, o meio, o percurso. Neste sentido, foge-se de definições e de imagens, e busca-se possibilidades de tensionar e estender linhas de pensamento, que possa auxiliar na construção de um não-caminho; um não-caminho que deseja o percurso, algo a ser criado e não simplesmente definido.

Considerar pensar a docência enquanto um corpo a ser construído e não apenas formado, modifica o olhar que insistia em fixar-se apenas em um “muro-branco”; pensamento voltado à uma estética final que deve ser alcançada. Um corpo a ser criado, coloca-se em relação por entre o muro-branco das significações e os buracos negros da subjetivação; estratégia que torna possível, não apenas olhar para organicidade ou para a estética já existente, e, sim, desejar uma diferenciação no/do percurso, afirmando o caos em sua multiplicidade, em sua simultaneidade e em sua continuidade. Talvez, possa-se dispor de uma (de)formação daquele envolvido por uma necessidade de recriar-se, usufruindo de um desejo que possa desafiar o corpo a apostar na criação de seu próprio percurso; corpo que investe em um movimento que funciona cauteloso diante de organicidades, que tentam encerrá-lo em apenas um caminho. Deleuze considera:

“O CsO grita: fizeram-me um organismo! dobraram-me indevidamente! roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. É ele o estratificado. Assim, ele oscila entre dois pólos: de um lado, as superfícies de estratificação, sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação. E se o CsO é um limite, se não se termina nunca de chegar a ele, é porque há sempre um estrato atrás de um outro estrato, um estrato engasgado em um outro estrato. Porque são necessários

³ “As máquinas abstratas operam em agenciamentos concretos: definem-se pelo quarto aspecto dos agenciamentos [637] isto é, pelas pontas de descodificação e de desterritorialização. Traçam essas pontas; assim, abrem o agenciamento territorial para outra coisa, para agenciamentos de outro tipo, para o molecular, o cósmico, e constituem devires. [...] As máquinas excedem toda a mecânica”. (DELEUZE, 2012, p. 241)

muitos estratos e não somente o organismo para fazer o juízo de Deus. Combate perpétuo e violento entre plano de consistência, que libera o CsO, atravessa e defaz todos os estratos, e as superfícies de estratificação que o bloqueiam ou rebaixam. (DELEUZE, 2012, p.25)

Movimentar o pensamento docente e considerar um “CsO” e um corpo-escrita e um corpo-bailarino, talvez, seja um modo usufruir do desejo; desejo de enxergar o corpo; marcar o corpo de movimentos ínfimos, que tenham potência para fazê-lo funcionar; funcionar para fuga; fuga de uma organicidade; fuga da obrigatoriedade de ser intérprete; fuga da sujeição, fuga do dever ser. Corpo sem imagem, corpo de passagem. O presente corpo, este corpo-escrita tenta funcionar enquanto um corpo de passagem e nele tenta-se potencializar pensar o movimento de pensamentos em meio e por entre corpos outros. Que estética irá emergir? Não se sabe. Deleuze e Guattari desacomodam e disponibilizam ao pensamento uma multiplicidade de intercessores; aqui, arrisca-se tentar traduzir. Tradução que impulsiona um pensar da estética docente dentre tantas outras possíveis, as quais não estão presas as imagens, nem pelos territórios; traduções que ressoam em encontros, que não reafirmam o caminho, mas escolhem experimentar desterritorializarem-se e explorarem um não-caminho; explorar o processo que acolhe aquilo que ainda é desconhecido. Lançar-se neste meio de criação, envolve um desejo. Deleuze acerca do desejo expõe:

“Ao desejo não falta nada, a ele não falta seu objeto. É antes o sujeito que falta ao desejo, ou ao desejo que falta um sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão. O desejo e seu objeto são a mesma coisa: a máquina, o objeto do desejo é ainda máquina ligada, tanto que o produto é extraído do produzir, que vai dar um resto ao sujeito nômade e vagabundo. [...] Não é o desejo que se escora nas necessidades, ao contrário, são as necessidades que derivam do desejo: elas são contra-produzidas no real que o desejo produz. Falta é contra-efeito do desejo, é depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social.” (DELEUZE, 2000, p. 44)

Não falta nada a este corpo por vir; faltam menos ainda imagens, modelos, caminhos definidos; sua composição acontece na/pela pulsão do desejo. Isso funciona? Isso resiste? Essa problemática reverbera não um funcionamento específico do estado, e sim, uma atitude de resistência por entre os movimentos do estado; esse pode ser percebido como um movimento deste corpo-escrita; corpo-máquina em movimento de resistência, desprovido do intuito de revolução; desprovido de intuítos e esgotado de desejos de tornar a formação algo possível de se erguer enquanto obra de arte e de vida.

4. CONCLUSÕES

O corpo-escrita que movimenta o pensamento a pensar a estética por-vir, ressoa o grito do corpo roubado, formado, enclausurado. Docência que aqui funciona como tradução do pensamento, envolvida também com o movimento de um cuidado de si⁴. Jogo que afirma uma relação de resistência ao instituído.

⁴ Foucault considera: “Acrésceta-se a isso a necessidade de um trabalho de pensamento sobre ele mesmo; ele deverá ser mais do que uma provação destinada a medir aquilo de que se é capaz, também deverá ser outra coisa que não a estimativa de uma falta em relação às regras de

Jogar esse jogo seja, talvez, apresentar à docência a sua deformidade secretizada. Esse jogo não começa nem mesmo se conclui, mas encontra-se no meio. O corpo que escreve e a escrita que aqui tenta pensar, fogem de conclusões precipitadas; pelo desejo do não-caminho procura-se desviar das conclusões. O docente a espreita não espera concluir. Como concluir aquilo que encontra-se em processo, no percurso. Pensar e considerar as leituras de Deleuze e Gattari opera com um movimento de diferenciações, pelos quais as conclusões, as recognições e as representações, inevitavelmente, tornam-se transitorias. Assim, intensifica-se o desejo de diferença, potencializando uma docência criativa e não, hegemonicamente formativa. Isso deseja poder criar fissuras, pequenos desvios, rumores; deseja poder encontrar sensibilidades possíveis acerca do pensamento e da docência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Ato de criação**. Palestra de 1987, Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed 34, 1997.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

_____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1**. São Paulo: Ed.34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 3**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.5**. São Paulo: Ed.34, 2012.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editor rio, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade v.3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

conduta, ele deve ter a forma de uma filtragem permanente de representações: examiná-las, controlá-las e triá-las; mais do que um exercício feito em intervalos regulares, é preciso tomar uma atitude constante em relação a si próprio". (FOUCAULT, 1976, p. 67)



